

MEDIAÇÕES DE LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Márcia Maria e Silva¹

O presente trabalho traz algumas reflexões sobre o papel dos mediadores de leitura, no contexto escolar. O objetivo é mostrar uma experiência de leitura coletiva de um livro literário com catorze crianças em uma Unidade pública de Educação Infantil em Niterói.² Analisamos alguns desdobramentos do trabalho didático para a formação das crianças como sujeitos leitores.

Livro literário

O livro escolhido traz um conto popular ilustrado por Ângela Lago. Trata-se de uma das fábulas mais populares do Brasil. Encontra-se em quase todas as coleções brasileiras e portuguesas organizadas até o final do século XX. “A festa no céu” se insere no conjunto de contos chamados etiológicos, isto é, aqueles que explicam sobre “um aspecto, propriedade, caráter de qualquer ente natural” (RIBEIRO, 1919, p. 20). O conto diz da razão de ser do casco “remendado” da tartaruga. Destacamos aspectos relacionados à escolha do livro (considerado este também como um mediador de leitura) suas características articuladas ao seu papel histórico-cultural, enquanto conto etiológico da tradição oral.

A ilustração é um dos aspectos que caracteriza o livro para criança (SOARES, 2014), embora não exclusivamente. No livro de Lago (1995), a ilustração tem grande relevância na construção da narrativa. A rica linguagem visual produz uma “sintaxe plástica” (COELHO, 1995, p. 120), que leva o leitor a imergir em um cenário mais amplo e cheio de detalhes, atualizando o conto para o tempo histórico presente, sem perder o caráter de antiguidade e persistência.

Lago opta por “acrescentar pequenos detalhes engraçados às ilustrações, para serem descobertos aos poucos pelos leitores”³, utiliza a página dupla, ampliando as possibilidades de o leitor demorar-se na imagem, surpreendendo-se, constatando, desvelando...

A escrita de Lago (2005, p. 29) busca aproximar-se do leitor. Desloca-o da condição de mero espectador para que ele participe da história: “e se quiser saber mais sobre a festa no céu, pergunte para ela [a tartaruga]. Ela adora cantar”. A história não termina. Abre-se a uma continuidade que a imaginação pode dar conta de preencher.

Um livro, quando chega às mãos das crianças, tem histórias: a história que conta nas páginas escritas e ilustradas, a história da produção gráfica e editorial do livro literário, que se esconde naquele objeto final; a história que recupera tantas outras sem mencioná-las, mas estão ali, vinculadas à sua ancestralidade.

Trabalho didático

O processo de apresentação do livro parte do anúncio feito pela professora de que farão juntos uma leitura coletiva, com exemplar distribuído a cada criança. A partir daí, os procedimentos de leitura são: apresentação da capa, nomeação dos autores e editora; contracapa, com a leitura da resenha; orientação para posicionamento do livro no colo e leitura coletiva folha a folha, com todos mantendo-se na mesma folha até que concluam as observações para, em seguida, passar à seguinte;

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: marciamariaes@gmail.com.

² Este trabalho apresenta parte tese de doutorado “Formação do leitor literário na Educação Infantil”, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ).

³ Citação encontrada em: <<http://www.angela-lago.net.br/palestra.html>>. Último acesso em 20/7/2015.

observação das ilustrações, realização de perguntas e respostas sobre o que veem; leitura oral e comentários com ritmo alegre e investigativo; distinção, na entonação e na atitude corporal, entre os momentos de leitura oral do texto e de comentários sobre o texto; instigação para observação de pequenos detalhes, ato comum das crianças em direção à professora; manutenção da mesma postura e emoção da voz até a última página do livro e, por fim, anúncio de leitura livre do mesmo livro em qualquer posição na sala de aula.

Durante a atividade as crianças observam o que a professora lê. Fazem inferências e informam descobertas sobre o que veem e ouvem, ajudam os colegas que porventura não estejam acompanhando a leitura na página indicada para todos. Algumas assumem a postura explicativa para reiterar informações já dadas pela professora, mas ainda não compreendidas por alguém. Movimentam-se, mesmo sentadas, todo o tempo da leitura. A entonação da voz indica a intensidade da emoção provocada pelas descobertas feitas a partir da ilustração que, neste livro, é muito rica em detalhes.

Narrativas

Há pelo menos cinco narrativas entrecruzando-se nessa roda de leitura. Uma, literária, de recriação do conto popular por Ângela Lago. Outra, contada pelas ilustrações que dialogam sem imitar o texto escrito. Outra, escolar, com fins de mediação de leitura, o que, do ponto de vista pedagógico, consiste em controlar ações das crianças para conservação física do material utilizado, para manter um tipo de disciplina (de contenção de movimentos) na roda para o ensino de postura de leitura, manuseio do material, atenção focada no mesmo ponto de interesse da professora, entre outros objetivos. Outra, de autoria das crianças, que revela como se expressam ao entrar em contato com um livro de histórias como aquele em questão. Por último, reconhecemos uma quinta narrativa, que decorre do processo dialogado de reconto, entre a professora e as crianças.

A leitura também se dá pela escuta da voz da professora, que lê o texto escrito, e também o texto imagético, que se fundem na progressão da história. Esse livro, por sua vez, traz outra história, autoral, produzida a partir do enredo principal, de origem secular na história da literatura oral, mas também contemporâneo, haja vista as marcas textuais e plásticas que atualizam, na forma e no conteúdo, traços culturais.

A narrativa infantil traz a expressão das crianças no ato da leitura praticada pela escuta da voz da professora e pela visualização das ilustrações, que se põem em diálogo com o conteúdo do texto lido. As crianças vão realizando inferências sobre os fatos lidos na relação com o falado e visualizado pela professora e pelas crianças que passam a ser narradoras com ela, uma vez que, mergulhadas nesse universo imaginário, efetivam uma rede de leitura compartilhada, cujas informações partem de diferentes direções tanto objetivas quanto subjetivas.

Conhecimentos prévios, próprios da história pessoal, são acionados, determinando também o que se acentua ou silencia ou revive ou se soma ao processo de interpretação pessoal e coletivo das histórias. Tornam-se visíveis os efeitos do literário na criança pequena, realizando-se, assim, a função formadora da literatura, que, para Zilberman (2003, p. 29), “não se confunde com uma missão pedagógica”, identificável desde a origem, no século XVIII, da produção de livros de leitura para criança, com a qual se pode romper para que não se sobreponha à formação do leitor literário.

Observando a leitura coletiva de “A festa no céu”, constatamos que o grupo correspondia a certas regras de convivência em roda no ato da leitura literária. Sabiam que não era possível dizer tudo ao mesmo tempo e que era recomendada a repetição coletiva em

voz alta do que a professora lia, embora isso não fosse, naquele momento, considerado necessário, como é possível observar:

Professora: Ó! todo mundo com o livrinho fechadinho, assim, não é? Cada um no colo... livro no colo... E aqui está escrito: “A festa no céu” [corre com o dedo indicador no título da obra, posicionada abaixo de seus olhos].

As crianças repetem, quase em uníssono, como se tivessem combinado ler ao mesmo tempo.

Crianças: A festa no céu!
Professora: Isso! “Um conto do nosso folclore”.
Crianças: Um conto do nosso folclore... do nosso folclore...
Professora: Angela Lago.

Repetem, destacando-se a voz intensa de Isaack, entre outras vozes.

Crianças: Angela Lago!!
Professora: Isso! Aí... lá embaixo, ó... aqui embaixo, tá escrito assim: Editora...
Crianças: Editora!
Professora: É a Melhoramentos. Tá escrito aqui.
Crianças: Melhoramentos!
Professora: Cento e vinte anos. Olha!!
Crianças [Continuando a repetir tudo que ela diz]: Cento e vinte anos!

A professora orienta, acolhendo com graça a atitude coletiva:

Professora: Vocês não precisam repetir, não. Eu tô só contando pra vocês... Segura assim o livrinho pra vocês [mostrando com as mãos como segurá-lo diante dos olhos]... Eu só tô mostrando onde é que eu tô lendo aqui.... Aí... aqui embaixo tá dizendo que “esse livro está de acordo com a nova ortografia da língua portuguesa.” Aqui embaixo...

As crianças sabiam que esperar a vez de falar era uma expectativa escolar, que era preciso se manterem sentadas durante todo o tempo de leitura, a não ser que necessitassem de ir ao banheiro ou beber água. Sabiam que a professora era a principal referência para tudo que quisessem falar, fazer ou saber.

Sabiam que seria rejeitada a formação de subgrupos independentes do objetivo principal de leitura e que fugir do assunto não era recomendado; sabiam que haveria restrições ou contenções se alguém infringisse alguma regra pré-estabelecida e que era necessário preservar o livro enquanto o manuseavam:

Mateus⁴ [confirma com seu tom de voz baixinho]: Eu não vou rasgá!

Sabiam que ela leria um livro para todos. A surpresa, nesse caso, foi o fato de o mesmo livro estar na mão de cada um, como mostrou uma criança, ao exclamar:

Isaack: Festa no céu! Tem mais Festa no céu!.

⁴ O nome das crianças é original, tendo sido seu uso autorizado, por escrito, pelos respectivos responsáveis.

Apesar de todas essas orientações que guardam também um caráter homogeneizante, de contenção de impulsos das crianças para, considerado do ponto de vista adulto em contexto escolar, evitar tumultos, dispersão, descontrole do fluxo da atividade e direcionamento de ações objetivadas pela professora, as crianças, na sua maioria, mantinham-se focadas na atividade e com muito interesse por saber das surpresas escondidas naquelas páginas. Ilustração e texto (lido pela voz da professora) complementavam-se durante a escuta coletiva, para a formação do interesse frenético por novidades.

As vozes se sobrepunham. A professora ora assumia papel secundário, aceitando ceder à comoção geral, ora impunha-se para seguir adiante na leitura da narrativa, ora direcionava-se para um ou alguns poucos, a fim de orientar sobre a postura do leitor com o livro nas mãos, sobre localização de página e a interpretação de algum trecho solicitada pela criança, ora levantava indagação sobre determinadas passagens, a fim de antecipar interpretações e chamar atenção para detalhes.

Em cada página virada, os dedinhos, os olhares a percorriam na busca de mais detalhes, como se fosse um jogo-de-quem-acha-primeiro. O tom exclamativo das vozes, a repetição contínua do anúncio de descoberta até que se apresentassem sinais de resposta da professora, a constante convocação do colega mais próximo para compartilhamento da descoberta, as risadas, os balanços do corpo que tentavam reproduzir um movimento ou alguma posição dos personagens eram manifestações decorrentes da leitura literária em efetiva realização.

As crianças se escutavam atentamente, dialogavam e se divertiam. Faltava condição de a professora corresponder a todas as manifestações simultâneas. Algumas perguntas ficavam sem resposta, como aconteceu com Richard em alguns momentos em que tentou compartilhar suas descobertas ou indagações com a professora:

Professora: Mas tinha que ser sem ninguém perceber, gente. Porque, se alguém visse que ela tava entrando no violão de novo, acho que ia dar problema, né?

Richard [vê]: A *tataruga*!

Professora: [continuando os comentários]: Já pensou?

Richard [repete]: A *tataruga*!

Professora: Alguém descobre como é que ela chegou lá em cima?

Richard [diz pela terceira vez]: A *tataruga*!

Professora: Aí, ó...— Eu acho que o sol descobriu. Olha lá como ele é curioso, ó...

Havia crianças que se incumbiam de, antecipando-se à professora, colaborarem na orientação de leitura, assumindo, inclusive, tom de autoridade professoral, como fez Rebeca ao acompanhar Ana Luysa tentando, mais de uma vez, localizar a página na qual estavam em diferentes momentos de leitura.

É nesse tecido interativo que se estabelecem os nexos que sustentam as cinco narrativas simultâneas escolhidas para destaque nessa cena. A narrativa literária, em texto e imagem, parece confirmar a supremacia do caráter artístico da obra sobre o pedagógico ou doutrinário.

A contenção praticada, ao confirmar as crianças em um formato controlado de interação, não pareceu aniquilar em definitivo as possibilidades de expressão infantil e de apreciação estética da obra. O literário pareceu prevalecer, rompendo com o risco, denunciado por Zilberman (2003, p. 30), de a “pedagogia tornar rarefeito o ambiente do qual seriam suprimidas as referências concretas das crianças⁵.”

⁵ Zilberman usa a palavra estudante no lugar de criança no referido trecho. Em outros tantos usa a palavra criança, fazendo inclusive a crítica à ideia de aluno que empobrece a condição da criança no contexto escolar.

A professora pareceu ter alcançado seus objetivos, criando condições para a formação literária das crianças, e também sua, além de aprender, na prática da docência para mediação de leitura literária com crianças pequenas, mesmo sob as mesmas amarras históricas da doutrina escolar, sobre como e para que atuar na creche e na pré-escola. A escola, a criança e o livro literário estão historicamente engessados nas concepções de creche/pré-escola, criança e livro, tornando-os invisibilizados, quando o olhar não se centra na criança e em suas potencialidades expressivas.

Considerações finais

A professora, no ato da leitura compartilhada do livro, aproxima tempos muito distantes e saberes perpetuados pela literatura oral, mantendo vivas as narrativas e as histórias que constituem os sujeitos. Em suma, essa experiência de leitura abre oportunidade de observar mediações para o acontecimento da leitura literária na escola infantil, considerando algumas tensões entre práticas docentes (contenção e controle) e práticas infantis (expansão e liberdade), em contexto em que o caráter adultocêntrico muitas vezes prevalece.

Referências

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria e análise**. São Paulo, Brasília: Quíron, 1981.

LAGO, Ângela. **A festa no céu**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

RIBEIRO, João. **O Folk-lore (Estudos de literatura popular)**. Rio de Janeiro: Editor Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

SOARES, Carolina Monteiro. **Viagens literárias por palavras e imagens: o livro ilustrado e a leitura na Educação Infantil do Colégio Pedro II**. 2014. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.